

## O leão só salta uma vez: o valor da construção no método psicanalítico

Sandra Dias

Em 1937 Freud situa além da interpretação do fragmento significativo, a necessidade para o analista de adivinhar (erraten) o que foi esquecido a partir dos indícios (Anzeichen) deixados pelo material decifrado em análise, isto é: de fazer construções. A construção surge como uma inovação no método em psicanálise para quando o material se esgota e tem como finalidade relançar a associação livre e corresponde ao trabalho no campo da fantasia.

A construção é tarefa do analista *“utilizada para completar o que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si”* (FREUD,1937b,293) e comunicada ao analisante que a legitima pela sanção. O trabalho do psicanalista é similar ao do arqueólogo porque nele reconstrução se dá meio de *“suplementação e da combinação de restos que sobreviveram”*, entretanto *“ambos estão sujeito a erros”* (FREUD,1937b, 293). Mas o analista trabalha em condições mais favoráveis porque dispõe de um material particular: *“repetições de reações que datam de tenra infância e tudo o que é indicado pela transferência em conexão com essas repetições”* (FREUD, 1937b, 294)

Enquanto trabalho preliminar, a interpretação incide sobre o um elemento isolado enquanto a construção coloca diante do paciente *“um fragmento de sua história primitiva que ele esqueceu”*(FREUD, 1937b, 295) tendo portanto valor de lembrança. Em relação a garantia de se trabalhar sobre as construções Freud afirma *“que nenhum dano é causado, se ocasionalmente cometemos um equívoco e oferecemos ao paciente uma construção errada como sendo a verdade histórica provável”* (FREUD, 19937b, 295), sendo as únicas conseqüências - a perda de tempo e uma reação adiada que em nada sacrifica a autoridade do analista uma vez que *“nossa isca de falsidade físgou uma carpa de verdade”*(FREUD, 1937b,2, 296). Dessa forma ele estabelece que de um argumento falso, de uma mentira pode-se capturar a verdade. E isto não pode ser entendido como uma impostura de Freud mas devido o material sobre o qual a construção incide: a fantasia o qual Lacan demonstra tem estrutura de ficção.

Na discussão sobre trauma e fantasia que elabora no período de 1914 a 1919, Freud estabelece que a verdade do acontecimento não é importante mas sim sua conexão com o resto do material e com o sintoma . Serguei Pankejeff, conhecido como

“O Homem dos Lobos” é o paradigma clínico tomado por Freud para exemplificar esse retorno do passado na construção da cena presente. Ele foi atendido por Freud durante quatro anos que estrategicamente estipula um fim para término do tratamento. Essa antecipação que constitui a peculiaridade desse caso permitiu a construção da fantasia da cena primária.

No final da vida Serguei Pankejeff, conhecido como Homem dos Lobos, diz:

*Eu sempre tinha alguma coisa para contar. Mas, justamente ele não encontrava o que queria encontrar – sei lá o quê? Como a senhora vê, todas essas construções, afinal convém colocá-las em dúvida, - as construções aquela cena dos lobos brancos tido como meus pais e o coito deles, e a idéia de que isso seria a causa de tudo” (OBHOLZER, 1993, 59).*

Dois pontos se destacam na fala do homem dos lobos: Freud buscava alguma coisa e não encontrava e a dúvida em relação à construção da cena dos lobos brancos como causa de tudo.

Em Análise terminável e interminável ele diz que adotou um modo de acelerar o tratamento analítico num paciente “*estragado pela opulência*”, “*que se encontrava em completo desamparo*” (FREUD, 1937a, 248) o qual lhe tinha devolvido a independência e o interesse pela vida e pessoas, mas que havia estagnado no esclarecimento da neurose da infância em que se baseava sua neurose posterior. Para vencer as resistências e evitar fracasso analítico, Freud afirma: “*empreguei a fixação de um limite ( ... ) “Só pode haver veredicto sobre o valor desse artifício de chantagem: é eficaz desde que se acerte o tempo correto para ele”*”, Tampouco se pode estabelecer qualquer “*regra geral quanto a ocasião correta para recorrermos a esse artifício técnico compulsório: a decisão deve ser deixada ao tato do analista*” (FREUD, 1937b, 250)

Sua teoria do fim de análise supõe que o paciente não sofra mais dos sintomas, das inibições e das angústias que o levaram à análise. Isto ocorre quando as resistências foram vencidas permitindo tornar consciente uma monta de material recalcado de forma a não se temer uma repetição do processo patológico e em quando o paciente chega a um nível de normalidade psíquica absoluta “*como se tivesse solucionado todos os recalques e preenchidas todas as lacunas em sua lembrança*” (FREUD, 1937a, 251), objetivado na cura através da interpretação e a construção.

Em relação a questão da pressão temporal exercida no caso Homem dos Lobos ele adverte que isto não garante que a tarefa se complete e sob pressão da ameaça parte

do material pode ficar retido e sepultado e que um erro de cálculo não pode ser retificado. O ditado sobre o leão se aplica aqui. A questão então que se coloca é se houve um erro de cálculo de Freud ou se é a própria construção que deve ser colocada em dúvida enquanto método.

O conceito de construção na teoria freudiana trata de um material produzido pelo trabalho de análise que tem valor de recordação e que permite acesso ao material recalçado, e ao mesmo tempo em que implica na produção de algo que não estava dado: a cena traumática. Lacan tratará a questão da construção como elaboração de um novo saber, não se opondo a reflexão de Freud a propósito da construção, mas enfatizando a dimensão de narrativa e ficção, estabelecendo a oposição saber e verdade onde a questão da temporalidade é crucial. Ele indica que

*Freud nunca obteve a reminiscência da realidade no passado da cena ao redor do qual gira a análise do sujeito. A realidade do acontecimento é uma coisa, mas há outra coisa além: a historicidade do acontecimento – algo flexível e decisivo que foi uma impressão no sujeito que dominou e que é necessária para explicar todo o seu comportamento. É isto que dá importância essencial da discussão de Freud ao redor do acontecimento traumático. Ele foi reconstituído indiretamente graças ao sonho dos lobos, sonho que Freud ensina o sujeito a ler seu sonho. (LACAN, 1952, 11)*

Lacan afirma em relação a pressão temporal exercida (1) que com a fixação do término da análise Freud “anula os tempos para compreender em prol dos momentos de concluir, que precipitam na meditação do sujeito rumo ao sentido do acontecimento original” (LACAN, 1998, 258) e também elide a questão libidinal e pulsional ”para reconhecer no isolamento simbólico do “ eu não sou castrado” em que se afirma o sujeito” e que fica fixada sua escolha heterossexual contra o efeito de captura homossexualizante sofrido pelo eu, reconduzido à matriz imaginária da cena primária(LACAN, 1998, 265).

No momento em que simbólico e real se conjugam, onde a questão do tempo é crucial, a fixação do tempo antecipada, a partir de uma certeza divinatória, “deixa o sujeito na alienação de sua verdade” isto é : sem poder encontrar sua própria palavra , “malgrado todo feixe de provas que demonstram a historicidade da cena primária, malgrado a convicção que ele manifesta” ( LACAN, 1998, 312) jamais conseguiu integrar a rememoração em sua história.

Lacan explicita o valor do que é reconstruído em análise: “*O fato de que o sujeito revive, rememora no sentido intuitivo da palavra, os eventos formadores de sua existência, não é em si mesmo, tão importante. O que conta é o que ele disso reconstrói*”.(LACAN,1953-54, 221). Assim, o acento recai sobre a face de reconstrução e não do vivido e o acontecimento traumático se localiza na época dos sonhos quando se produzem os efeitos da *Pragung* (2), que Freud nomeia no Projeto, restos do visto e ouvido, que se deram numa época em que havia um inconsciente não recalcado isto é : não integrado ao sistema de verbalizado do sujeito e nem havia adquirido significação. Na análise, o inconsciente seria realizado no simbólico, tratar-se-ia menos de lembrar e mais de reescrever a história. Assim a reescrita da história teria a ver mais com a ficção do que com a verdade do acontecimento.

Uma vez relativizado o problema da verdade do acontecimento resta a questão da verdade da convicção do paciente na construção realizada pelo analista. Freud diz ser exagerado o perigo de desencaminhar o paciente devido “*a sugestão, persuadindo-o de aceitar coisa que nós próprios acreditamos*” (FREUD, 1937b, 296). “*Se a construção é errada não há mudança no paciente, mas se é correta ou fornece uma aproximação da verdade, ele reage com um inequívoco agravamento de seus sintomas e de seu estado geral*”. Ele conclui que uma construção é uma conjectura que aguarda exame de confirmação e rejeição e ensina não discutir com o paciente, pois “*Tudo se tornará claro no decorrer dos futuros desenvolvimentos*”(FREUD, 1937b,300).

O modo como uma construção se torna uma convicção ao paciente não depende do sim ou não, mas da produção de lembranças que completem e ampliem a construção e de formas indiretas de confirmação. Freud se detém na análise da convicção segura da verdade da construção quando aparece sem recordação do recalcado, mas tem o resultado terapêutico de uma lembrança recapturada. Aparecem recordações ultraclaras, não do evento, tema da construção, mas de detalhes, devido deslocamento operado.

É como “*se uma crença em sua presença concreta se tivesse somado à sua clareza*”. (FREUD,1937b,301) diz Freud articulando à alucinação e ao delírio, para esclarecer que “*seu poder convincente se deve ao elemento de verdade histórica que ele insere no lugar da realidade rejeitada*” (FREUD,1937b, 303). Ele conclui que os delírios são os equivalentes das construções que o analista ergue no tratamento analítico pois em ambos, o poder se deve ao elemento que trouxeram à tona a partir do recalque do passado esquecido e primevo.

Os fatores decisivos no sucesso do tratamento analítico são a influência da etiologia traumática, “*a força relativa das pulsões que tem que ser controladas e a alteração do eu*” (FREUD, 1937a, 256). Reparando sua negligência com o fator econômico da pulsão, Freud destaca que a façanha real da análise seria a subsequente correção do processo original de recalque, correção que põe fim ao fator quantitativo.

*Não devemos tomar a clareza de nossa compreensão interna como medida da convicção que produzimos no paciente . Seria possível dizer que à convicção dele pode faltar em profundidade, trata-se sempre de uma questão do fator quantitativo, que é tão facilmente desprezado”* (FREUD, 1937b, 262).

Ele conclui que a causa do fracasso deve ser buscada no fato de que se no passado, o fator quantitativo da força pulsional opôs-se aos esforços defensivos do eu, agora, o mesmo fator estabelece um limite à eficácia desse novo esforço. Mesmo com eu maduro apoiado pela análise pode-se fracassar nesse amansamento da pulsão se esta se revelar muito forte, nesses casos o analista encontra uma inércia difícil superar. “*É desejável abreviar a duração do tratamento analítico, mas só podemos conseguir seu intuito terapêutico aumentando o poder da análise em vir em assistência ao ego*” (FREUD, 1937a, 262)

Este trabalho pode ser ineficaz devido resistência inconsciente do eu, este desobedece a regra fundamental e não permite que surjam novos derivados do recalque o que nos conduz à que “*Não podemos esperar que o paciente possua uma forte convicção do poder curativo da análise*” (FREUD, 1937a, 272). Freud apela a transferência para indicar que nessa situação o analista é visto como estranho que faz exigências desagradáveis e o paciente se comporta como criança que não gosta e não acredita no que ele diz. Ele a aponta como resistência á conscientização dos conteúdos Isso, mas também “*á análise como um todo, e, assim ao restabelecimento*” (FREUD, 1937a, 272).

Freud descobre uma inércia psíquica que advém de uma resistência do id e que caracteriza como adesividade da libido Uma outra caracterizada como “*esgotamento da plasticidade e da capacidade de modificação e desenvolvimento ulterior*” (FREUD, 1937a, 275) onde se constata que a pulsão ingressa nos novos caminhos abertos pela análise com hesitação acentuada, pois nos processos mentais “*o relacionamento e a distribuição de força são imutáveis, fixos e rígidos*” (FREUD, 1937 a, 275),

caracterizando uma espécie de entropia psíquica. Freud alude ao caso Homem dos Lobos como tendo tais características.

Freud descreve ainda uma terceira resistência com raízes diferentes e mais profundas, ligada ao comportamento das duas pulsões, sua mistura e defusão e que não se confinam a uma única província do aparelho psíquico. Ele considera que os fenômenos de masoquismo, a reação terapêutica negativa e o sentimento de culpa são *“indicações inequívocas da pulsão de agressividade ou destrutividade e que remonta a pulsão de morte”* (FREUD, 1937a, 276). Freud invoca a *Bandigung* (amansamento), ação através da qual a libido pode tornar inócua a pulsão de morte, isto é: uma lembrança penosa deixa de carregar afeto. No texto *“O problema econômico do masoquismo”* ele retoma a tese de que todos os fenômenos psíquicos são regidos pelos dois princípios - de Vida e de Morte, cuja operação resulta em três formas de masoquismo.

O masoquismo erógeno ou primário decorre da condição imposta à excitação sexual, implica prazer no sofrimento, jaz no fundo das outras duas formas. A libido, energia da pulsão de vida ao enfrentar a destruição da pulsão de morte (3) dominante que busca desintegrar as unidades e estruturas constituídas, *“o faz desviando a pulsão de morte para fora”*, para os objetos do mundo externo (FREUD, 1924, 204). Parte dessa pulsão destrutiva, de domínio ou vontade de poder é colocada diretamente a serviço da função sexual constituindo o sadismo; *“outra porção permanece dentro do organismo e, com auxílio da excitação sexual acompanhante acima descrita, lá fica libidinalmente presa”* *“É nessa porção que temos que identificar o masoquismo erógeno”* (FREUD, 1924, 204). Freud conclui que a pulsão de morte operante no organismo - sadismo primário - é idêntica ao masoquismo.

Assim, o masoquismo erógeno propriamente dito, *“por um lado, se tornou componente da libido e, por outro, ainda tem o eu (self) como seu objeto”*, sendo *“prova e remanescente da fase de desenvolvimento em que a coaliscência (tão importante para a vida) entre instinto de morte e Eros se efetuou”* (FREUD, 1924, 205). Ele ingressa como precipitado na fantasia masoquista o medo de ser devorado por um animal totêmico (o pai) da fase oral primitiva; o desejo de ser espancado pelo pai da anal sádica; a castração (posteriormente rejeitada) da fálica; *“ser copulado e dar nascimento características da feminilidade da genital. As nádegas é a parte do corpo que recebe preferência erógena na fase anal-sádica, tal como o seio na fase oral e o pênis na genital”*. (FREUD, 1924, 206)

O masoquismo feminino aparece em fantasias de sujeitos masoquistas cujo conteúdo é: “*ser amordaçado, amarrado, espancado, maltratado, sujado, forçado à obediência e aviltado indicando o desejo de ser tratado como uma criança pequena e desamparada e travessa e colocam o sujeito em situações caracteristicamente femininas*”. (FREUD, 1924, 202) Essas fantasias masoquistas que colocam o indivíduo numa situação feminina e significam ser castrado,” *ser copulado ou dar à luz um bebê, implicam numa superposição do infantil e do feminino e se baseia no masoquismo erógeno*”. (FREUD, 1924, 203).

Já no masoquismo moral a pulsão destrutiva se voltou para dentro e agora se enfurece contra o eu devido necessidade de punição. Freud atribui “a função de consciência do supereu à consciência de culpa como expressão de uma tensão entre o eu e o supereu” (FREUD, 1924, 208). Graças a defusão da pulsão, a severidade do supereu é aumentada, tornando-se duro, cruel e inexorável contra o eu. O sentimento inconsciente de culpa pode ser traduzido como significando uma necessidade de punição às mãos de um poder paterno. O desejo de ser espancado pelo pai é uma deformação regressiva do desejo de ter uma relação sexual passiva (feminina) com ele. A parte da pulsão destrutiva que se retirou, aparece no eu como intensificação do masoquismo e a destrutividade do mundo é assumida pelo supereu sem transformação, aumentando seu sadismo.

Com estes desenvolvimentos Lacan releu o passo que Freud dá quando escreve o texto “Uma criança é espancada”, onde a situa a fantasia fundamental como uma construção que permite situar a verdade histórica e ao mesmo o ponto de origem do sintoma e do desejo. Essa construção à diferença da interpretação visaria apresentar o irreduzível no campo do dizer numa temporalidade constituída de 3 tempos, tempos de subjetivação da gramática pulsional que levaria a reduzir a floresta de fantasias enunciadas na análise à enunciação da fantasia fundamental.

A tarefa de construir se desloca do analista para o analisante, embora dependa de que o analista opere marcando as posições do sujeito na cena fantasmática. Enquanto o sentido e a enunciação ficam do lado do analisante, a escansão no tempo é operada pelo analista, de forma que a construção passa a ser resultado da tarefa analisante e do analista.

Lacan aponta nas a associação das práticas masturbatórias associadas as fantasias não acarretam qualquer carga de culpa mas quando se trata de formular essas fantasias, os sujeitos mostram uma aversão bastante pronunciada, repugnância, culpa.

“A distância entre o uso fantasístico ou imaginário dessas imagens e sua formulação falada é realmente de natureza a já nos fazer ficar de orelha em pé. Esse comportamento do sujeito já é um sinal que marca um limite: isso não é da mesma ordem do jogar mentalmente com a fantasia, falar dela“. (LACAN, 1956-57,116)

Há 3 etapas que se escandem na história do sujeito, à medida que esta se abre a pressão analítica e permite reencontrar a origem dessa fantasia; “A 1ª fantasia encerra uma organização, uma estrutura que põe ali um sentido (LACAN, 1956-57,pág.119): Meu pai bate no rival porque o odeia. O sentido do bater é odiar e o rival aparece sob a forma de um nada. A segunda etapa representa uma situação reduzida, onde se produz a fantasia: Eu sou espancado pelo meu pai, o qual Freud liga a essência do masoquismo. O sujeito se encontra numa relação recíproca com o outro, mas ao mesmo tempo exclusiva. É ele ou o outro que é espancado. Aqui é ele. Vê-se no próprio ato de ser espancado uma transposição ou deslocamento de um elemento já marcado de erotismo. Essa etapa que indica o plano libidinal, é reconstruída pelo analista devido sua fugacidade. É tão fugaz que se precipita na 3ª etapa.

No 3º tempo da fantasia, o sujeito é reduzido a se ponto mais extremo: o sujeito em posição terceira sob a forma de um puro e simples observador, como na 1ª etapa. Chega-se a situação dessubjetivada que é a da fantasia terminal: Bate-se numa criança. “Há aí uma dessubjetivação radical de toda a estrutura em cujo nível o sujeito ali está reduzido ao estado de espectador ou de olho, isto é “ daquilo que sempre caracteriza no limite, no ponto da última redução, toda espécie de objeto”. (LACAN, 1956-57,120) Um olho, que não pode passar de uma tela sobre a qual o sujeito é instituído.

A significação da fantasia se dá a partir de uma etapa primária na qual existe uma Bindung – ligação, fusão das pulsões libidinais (de vida) com as pulsões de morte ao passo que a evolução das pulsões comporta uma defusão precoce. Lacan explicita que a fantasia inconsciente deve ser concebida como uma cadeia significante, ela “é essencialmente, um imaginário preso numa certa função significante” (LACAN, 1957-58, 423). Aparece como um roteiro” que pode permanecer latente por muito tempo, num certo ponto do inconsciente, mas que não obstante, é organizado, só concebido quando a função significante lhe confere sua estrutura, sua consistência e, ao mesmo tempo, sua insistência” (LACAN, 1957-58,423).

A relação com o rival, irmão/irmã/etc, só assume seu valor decisivo no plano da realidade ao se inscrever num desenvolvimento simbólico, cuja natureza Freud articulou: “o sujeito é abolido no plano simbólico, por ser um nada absoluto, ao qual é

*recusada qualquer consideração como sujeito*” (LACAN, 1957-58, 250) descobrindo assim a fantasia masoquista de fustigação como uma solução bem sucedida do problema. Lacan explicita que na cena “ é o seu caráter simbólico que é erotizado como tal, e é desde a origem. (LACAN, 1957-58, 250)

No 2º tempo, a fantasia assume um valor diferente, muda de sentido, e é aí que reside o enigma da essência do masoquismo. Em se tratando do sujeito, não há como sair desse impasse pois a introdução do significante comporta 2 elementos distintos:

- existem a mensagem e sua significação: o sujeito recebe a notícia que o rival é espancada, isto é: um nada absoluto
- há um significante que é preciso isolar como tal, aquele com que operamos.

O caráter fundamental da fantasia masoquista, tal como existe no sujeito, não uma reconstrução modelar ou ideal da evolução dos instintos, é a existência do chicote. Esta se lidando com um significante que tem um lugar privilegiado na série de hieróglifos porque o hieróglifo correspondente à aquele que segura o chicote designa sempre o diretor, mestre, senhor. (LACAN, 1957-58,251)

No 2º tempo a mensagem que inicialmente queria dizer: O rival não existe, não é nada em absoluto agora quer dizer: Tu existes, e é até amado. É isso que serve de mensagem, regressiva ou recalcada, que não chega ao sujeito. Além da mensagem persiste o material do significante, esse objeto, o chicote, que permanece como signo, um pivô, quase modelo da relação com o desejo do Outro.

No 3ª tempo a “*função da fantasia terminal é manifestar uma relação essencial do sujeito com o significante*”. (LACAN, 1957-58, 252) A fantasia porta o testemunho dos elementos significantes da palavra articulada no nível desse transobjeto que é o grande Outro, o lugar onde se articula a palavra inconsciente, o \$, na medida em que é palavra, história, memória, estrutura articulada. A redução simbólica deixou subsistir apenas um resíduo dessubjetivado e enigmático porque conserva toda a carga, “*carga não revelada , inconstituída, não assumida pelo sujeito, daquilo que é no nível do Outro, a estrutura articulada em que o sujeito está engajado* (LACAN, 1956-57,120). É isso que o sonho do Homem dos Lobos articula: sua captura como puro olhar na cena primária, onde o sujeito é igual ao objeto.

No texto de 1937, Freud diz que a construção é um trabalho prévio porque fragmentário, não é conclusiva, é o paciente quem verifica a verdade ou o oportuno

dessa construção e que uma construção errônea apenas acarreta perda de tempo. A transferência não é um bom critério para discriminar entre verdadeiro e falso por isso não se não se deve recorrer ao argumento de autoridade . Mas não se deve exagerar o perigo da sugestão como também não se deve fiar no que diz o paciente: diga sim ou não, deve- se utilizar outro critério epistêmico: *a produção por parte do paciente de "novas recordações que completam e ampliam a construção"* (FREUD, 1937B, 400).

Ele também afirma que a construção é uma conjectura e que não se deve preocupar-se no modo como uma conjectura se transforma em convicção do paciente. Uma conjectura (Vermutung) é uma ficção não uma hipótese à espera de sua verificação, o que deixa como questão como verdade se coloca para o analisante. A convicção (Überzeugung) não é a verificação, não é o raciocínio, não é o argumento. Então do que se trata?

No texto sobre Moises e o monoteísmo, Freud aproxima o esquecido, o material inconsciente ao conceito de verdade histórica, composta a partir daquilo que aconteceu e não está mais acessível à memória, sendo o germe, o trauma primitivo na origem das neuroses, sejam elas individuais ou coletivas. Explicita que “ *a verdade histórica*” não é “ *a verdade material*” , pois ela , no seu retorno sofre deformação ( FREUD,1939, 153). Isto o leva a ressituar as construções realizadas em análise como misto de verdade histórica e ficção. Ao considerar a ficção como distorção e construção se dando sobre as hiências da verdade do material esquecido Freud relativiza o problema da verdade enquanto saber registrado na história ou pré-história do sujeito. A conjectura e convicção do analisante passam a supor um submetimento ao discurso analítico na qual nem o analista nem o paciente tem nada que dizer por conta própria.

O efeito de verdade não se dá mais pela substituição na memória e nem autoridade do analista mas através do “ modo como uma conjectura nossa se transforma em convicção do paciente” ( FREUD, 1937, 300). Ao explicar a vinculação do terapêutico com a convicção e não com a memória Freud alude a forma do assentimento do analisante à construção . O Sim só possui valor se seguido de material que complete e amplie a construção. O Não é tão ambíguo como o Sim, pode indicar uma resistência evocada pela construção, mas também pode uma vez que a construção é incompleta, o paciente “não estaria discutindo o que lhe foi dito, mas baseando sua contradição na parte que não foi revelada” (FREUD, 1937, 297) .

Os dois casos se aplicam ao Homem dos lobos, indicando a relação da denegação com o recalcado. O inconsciente passa ao discurso pela negação sendo esta

a primeira forma de assentimento subjetivo, um não indica a origem do recalcado, mas também situa um não querer saber disso que necessita da temporalidade própria do discurso para ser ultrapassada.

A construção como tarefa do analista consiste indicar para o sujeito sua posição para que possa ver-se na montagem fantasmática que se põe cena e na qual esta aprisionado num gozo ignorado, seu masoquismo erógeno, do qual o sujeito nada quer saber. A construção não substitui nunca a recordação, mas sim convoca, põe o sujeito em relação com a essa perda inaugural que o significante bater marca nos 3 tempos do fantasma. Ao elidir o pulsional e o pré-edípio no Homem dos lobos, Freud achatou o tempo de compreender que permitira situar o sujeito em relação a sua verdade, entre a memória e recordação, entre os traços ou vestígios que marcam o corpo com a experiência de satisfação e de dor sem que isto seja traduzível ao sentido ou a significação, há uma fabulação e narrativa que deveria ser processada em análise para enlaçar o real à cadeia significante .

Serguei não conseguiu se separar do que se produziu no seu presente porque não pode constituir através do relato, uma palavra que situaria o instante de sua perda, em seu desaparecimento diante do desejo do Outro, desta forma permaneceu preso ao traumático da repetição. É o fantasma que vai colocar o trauma, sendo o *“fantasma é o comentário lógico do trauma* ( FERREYRA, 2005, 44) implica em colocar como ponto de partida o fato de que a aquisição da linguagem , a entrada no universo simbólico com relação ao significante que define o ser falante, é sempre um trauma.

*Tenho um a idéia para um romance: um homem foi encurralado num papel sexual passivo – a senhora sabe que minha irmã desempenhou o papel ativo – e, por essa razão a mulher tem que ser a agressora. De Anna, a irmã, até Anna, a empregada o caminho é curto(...). Foi uma infelicidade minha irmã ter me seduzido. (OBHOLZER, 1993, 266)*

Serguei Pakejeff nunca deu importância a interpretação dos sonhos que ressignificou a cena primária.; Ao confirmar o famoso sonho, aos 87 anos diz:

*“Freud remeteu tudo a cena primária que ele deduziu do sonho.(...) Tenho mais simpatia pelas associações livres, porque nelas pode vir uma idéia à cabeça. Mas essa cena primária, isso é pura construção (...). Ele afirmou que eu tinha visto,mas quem garante que isso seja verdade? Não*

*terá sido uma fantasia da lavra dele ? (...) Em segundo lugar, conscientizar uma coisa que esta no inconsciente não adianta absolutamente nada.. Sempre achei que a lembrança viria. Mas ela não veio. (OBHOLZER,1993,55).*

É com o dito que se constrói uma realidade, dito que ao se colocar em relação ao dizer, a realidade da fantasia será construída na análise com a função da palavra. A realidade não é de palavras, mas se faz com elas. Essa realidade tem relação com o real e por outro lado o exclui. O que exclui é a castração e é por isso que essa realidade construída revela a efetividade da castração. Com a fixação do término deixou o sujeito não pode historicizar significantes constituídos a nível da estrutura e assumir a castração Lacan indicou que ao fixar o tempo se anula o tempo de compreender em proveito do momento de concluir que precipita o sujeito a decidir-se do acontecimento original. A intervenção alivia mas aliena na verdade , uma “ historia sem desejo, ao nomear o trauma” (ALLOUCH e PORGE, 1981, 67). Serguei rejeita seu nome SP e se refugia no nome que Freud lhe deu para entrar na história como múmia da psicanalise.

Portanto o caso do Homem dos Lobos não invalida a construção como método, mas indica a supressão do sujeito quando o analista operado como se o simbólico fosse o real.

## **Notas**

(1) Lacan oscila em relação ao resultado da pressão temporal. No texto de 1952 indica como resultado o aparecimento do je no lugar de um moi, permitindo a relação com a palavra. Já no seminário de 1953-54 situa a versão que utilizamos neste texto e que não foi posteriormente contestada por ele.

(2) Prangung (cunhagem, estampagem) é definida no seminário I como a “inscrição se dá no registro do imaginário, não sendo integrada ao sistema verbalizado do sujeito porque é anterior à aquisição da fala” (LACAN, 1954,55, 219).

(3) O termo alemão “trieb” e seus derivados foram utilizados no texto de acordo a citação do autor mas sempre que se referir ao conceito se utilizará o termo pulsão ou pulsional.

## **Bibliografia:**

ALLOUCH, Jean e PORGE, Eric “Le terme de l’ homme aux loups” In Ornicar Bulletin périodique du champ freudien, N. 22/23, Printemps 1981, 57-70).

FERREYRA, Norbert “Trauma, duelo y forclusión” Argentina, Ed. Kliné, 2000.

FREUD, Sigmund, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1976:

\_\_\_\_\_ “História De Uma Neurose Infantil” (1918 [1914]), vol. XVII:

\_\_\_\_\_ “Uma Criança É Espancada” Uma Contribuição Ao Estudo Da Origem Das Perversões Sexuais (1919), vol. XVII.

\_\_\_\_\_ “Além Do Princípio Do Prazer” (1920), vol.XVIII.

\_\_\_\_\_ “O Ego E O Id” (1923), vol. XIX.

\_\_\_\_\_ “O Problema Econômico do Masoquismo” (1924), vol. XIX.

\_\_\_\_\_ “Análise Terminável e Interminável (1937), vol. XXIII.

\_\_\_\_\_ “Construções Em Análise” (1937), vol.XXIII.

\_\_\_\_\_ "Moisés e o monoteísmo" (1939), v.XXIII, p.13-161.

LACAN, J. O Seminário de 1952 - O homem dos lobos – resumos -inédito

Função e Campo da fala e da linguagem (1953) In Escritos, Rio Janeiro: Jorge Zahar, 1998

\_\_\_\_\_ Seminário 1 Os escritos técnicos de Freud (1954-55) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1979

\_\_\_\_\_ O Seminário- livro 4, A Relação de Objeto (1956-1957), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1995.

\_\_\_\_\_ O Seminário- livro 5, As Formações do Inconsciente (1957-1958), Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1999.

\_\_\_\_\_ O Seminário- livro 14, A Lógica da Fantasia (1966) – (inédito), versão argentina em CD ROM.

\_\_\_\_\_ Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano In Escritos, Rio de Janeiro,. R.J: Jorge Zahar Ed., 1998.

OBHOLZER, K. Conversa com o Homem dos Lobos. RJ: Jorge Zahar, 1993

**Sobre o Autor**

Sandra Dias. Psicanalista, Doutora em Psicologia Clínica PUCSP, Professora Titular e Coordenadora do curso pós-graduação lato senso “Psicanálise e Linguagem: uma outra psicopatologia da PUCSP, Membro fundador do Espaço Psicanálise e da OSCIP Gestae: Instituto de Pesquisa, Ensino e Ações, em Saúde Mental, autora do livro “Paixões do ser: pulsão e objeto na psicose” editado pela Companhia de Freud